

A interação professor-aluno como prática de subjetivação docente

Teacher-student interaction as a practice of teacher subjectivation

Adéli Bortolon Bazza

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Paraná, Brasil

Resumo: Este trabalho propõe discutir a discursivização da interação professor-aluno e sua relação com a constituição de subjetividades de docente. Tal recorte faz parte de uma pesquisa maior, que reconhece uma luta de saberes e poderes em torno de questões educacionais no Brasil, a qual se acirrou nos últimos cinco anos e teve como consequência a produção de um vasto arquivo sobre Educação, dentro do qual, também se constituíram diversos processos de subjetivação do professor. Para tanto, parte-se de uma perspectiva discursiva, calcada nos pressupostos teóricos lançados por Michel Foucault, mobilizando noções como discurso, verdade e dispositivo, em uma série enunciativa composta de textos que circularam em sites jornalísticos e em redes sociais. As análises até então depreendidas indicam que a interação com os alunos figura, nos discursos, como um elemento central da prática docente. Trata-se de uma prática produzida em diferentes dispositivos, como o escolar, o acadêmico, o jornalístico, entre outros, e contribui para uma subjetivação do professor ideal como um sujeito acolhedor em relação a seus alunos.

Palavras-chave: Discurso; Professor; Subjetividade

Abstract: This paper aims to discuss the discursivization of the teacher-student interaction and its relation to the formation of subjectivities of teachers. This is part of a larger research that recognizes a battle of knowledge and power around educational issues in Brazil, which has intensified in the last five years and has resulted in the production of a vast archive about education, within which several processes of teacher subjectivation have also been constituted. For this, it is founded on a discursive perspective, grounded on the theoretical assumptions launched by Michel Foucault, mobilizing notions such as discourse, truth and device, in an enunciative series composed of texts that circulated in journalistic websites and social networks. The analyses so far indicate that the interaction with students appears, in the discourses, as a central element of teaching practice. Such practice is produced in different devices, such as school, academic, journalistic, among others, and contributes to a subjectivation of the ideal teacher as a welcoming subject in relation to their students.

Keywords: Discourse; Teacher; Subjectivity



1 Introdução

Nos últimos cinco anos, observou-se uma vasta produção discursiva a respeito da educação e dos sujeitos que a compõem. Isso porque, dentro de um bojo maior de mudanças políticas e sociais, os objetivos e as estratégias de ação das escolas e demais setores da educação passaram a ser problematizados por um grande número de pessoas. Diversos acontecimentos sociais constituíram também acontecimentos discursivos que compõem um arquivo a respeito da educação e, de chofre, dos professores, na atualidade. Entre eles, pode-se citar: a emergência do movimento Escola sem partido e todas as discussões que ele suscitou; os repetidos cortes no orçamento da educação, em nível federal, greves e debates oriundos disso; a alta rotatividade de pessoas em cargos de destaque no setor educacional, como o de ministro da educação, de diretor do INEP, de coordenador da Capes etc.; acusações de ministros a universidades e, com a situação da pandemia de Corona vírus, a emergência de ensino remoto, do ensino híbrido e retorno a ensino presencial.

Com o início do ensino remoto, em função da pandemia, em 2020, novas subjetividades docentes passaram a ser produzidas, passando do professor que *não dá aula ao*, ao da *dificuldade com tecnologias* e pelo polo oposto, o *conectado*. Essas subjetividades são compreendidas como constituídas no discurso, com base em práticas propostas por determinados dispositivos de saber/poder. A partir disso, objetiva-se discutir a discursivização da interação como elemento da constituição da subjetividade de docente. A série enunciativa composta tem como superfícies de emergência o meio jornalístico e as redes sociais. As sequências analisadas foram coletadas no momento pandêmico, em que as aulas passaram a ser mediadas pela tecnologia, com o intuito de analisar de que maneira isso se relaciona com as subjetividades postas em circulação.

2 Pensar discursivamente o sujeito professor

Tratar de educação e dos sujeitos professores em uma visada discursiva foucaultiana representa uma singularidade em relação à forma de fazer pesquisa acadêmica sobre esse tema. Por haver um campo de estudos específico a respeito da educação, as análises, em geral, partem desse discurso acadêmico e seus sujeitos como um referencial de verdade

com o qual fatos e outras teorias são confrontados. Contudo, empreender uma análise fundamentada em uma perspectiva foucaultiana implica assumir que a verdade é produzida em um jogo de saberes e poderes possível em determinado momento histórico, em que o próprio universo acadêmico atua como um dispositivo. Sendo assim, a verdade sobre educação produzida no ambiente acadêmico passa a poder ser interrogada, pensada dentro da teia e colocada em contraponto a outras verdades sobre o tema, produzidas em outros dispositivos. Deixa, portanto, de ser um ideal de veridicção para compor a trama do verdadeiro.

Essa proposta de leitura pauta-se no método arqueogenealógico, apresentado por Foucault (2008), por meio do qual buscam-se interrogar as verdades, a partir da unidade analítica do enunciado e sua relação com o acontecimento discursivo. Em termos teóricos, o acontecimento está relacionado com a enunciação: ambos tratam um evento como único e que tem ligação com a história. De acordo com o autor, essa forma de história permite

fazer aparecer diferentes estratos de acontecimentos dos quais uns são visíveis, imediatamente conhecidos até pelos contemporâneos, e em seguida, debaixo desses acontecimentos, que são de qualquer forma a espuma da história, há outros acontecimentos invisíveis, imperceptíveis para os contemporâneos, e que são de um tipo completamente diferente. (FOUCAULT, (2005, p. 291)

O estudo das subjetividades docentes guiado por essa visão compreende que, em diferentes momentos da história, os professores foram descritos de variadas formas e a partir de práticas diversas. Em alguns contextos, isso pode ter se configurado de maneira mais visível para boa parcela da população, enquanto em outros pareceu não ser um assunto em pauta. Esse processo se dá de forma não-linear, pois não há uma evolução direta de um estado em direção a uma melhora para outro. Além disso, o processo de subjetivação não é necessariamente visível aos grandes acontecimentos factuais. Ele continua presente mesmo quando a pauta da sociedade parece ser outra.

A relação entre práticas docentes e religiosas é exemplo da não linearidade do discurso. Uma busca pela história da educação no Brasil apresenta o ensino formal iniciando no país com o trabalho dos padres jesuítas e acontecendo como estratégia de catequização dos indígenas (Cf. Nóvoa, 1991). Com o avançar dos anos, o Estado assumiu a responsabilidade pela Educação do país e a desvinculação dela com a Igreja ficou documentada pela Reforma Pombalina (1770). Entre as alterações impostas pela reforma, definiu-se a educação como laica (Cf. Menezes, 2001), o que acarretaria, entre outras

coisas, retirar conteúdos de cunho religioso dos currículos e pautar o ensino em explicações científicas para os fatos. Recentemente, juntamente com manifestações em prol da educação domiciliar, emergiram questionamentos de cunho religioso sobre conteúdos ensinados na escola: como a origem do mundo no Big Bang e a origem dos humanos como evolução dos primatas. Famílias que professam fé cristã rejeitam esses conteúdos, em prol da explicação religiosa da origem do universo e dos humanos. As reivindicações oscilam entre ensinar as duas versões dos fatos ou não ensinar a explicação científica.

Esse retorno à pauta de questões aparentemente suplantadas confirma a concepção de Foucault (2008) de que a história é serial e alinear e leva os pesquisadores a considerarem as diferentes temporalidades. Ainda que em diversos espaços da sociedade o ensino laico tenha sido alardeado e defendido, nesse mesmo período, diversas redes de educação privada do país mantiveram-se ligadas a igrejas cristãs e incorporaram práticas religiosas em suas práticas escolares. Apesar de esse ser um fato conhecido por uma parcela da população, passa despercebido na poeira do discurso. A laicidade é apenas um exemplo de que, em um mesmo momento histórico, o que é estabelecido como verdade sobre a educação e sobre o professor não se dá no singular.

Na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, o analista descreve enunciados que são realmente ditos, de modo a extrapolar o nível semântico do dito. Foucault (2008, p. 55) defende não mais tratar os enunciados como conjuntos de signos, “mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”, pois, apesar de reconhecer que os discursos sejam feitos de signos, o autor entende que eles fazem mais do que simplesmente utilizar esses signos e “é esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. A descrição discursiva remete os enunciados para a historicidade que lhes constitui, porque os enunciados são de natureza histórica. São acontecimentos de ordem econômica, social e política que possibilitam que os enunciados sejam ditos, circulem, sejam esquecidos ou lembrados. Nesse jogo enunciativo, cada coisa poderá ser dita (ou silenciada), lembrada (ou esquecida), elevada ao *status* de verdade (ou refutada) com base em um determinado jogo, que envolve saberes, poderes e posições de subjetividade.

Para além de uma significação semântica, o discurso é uma prática e pode ser descrito por meio da sistematização de um conjunto de práticas dentro de uma dispersão de enunciados. O trabalho do analista busca determinar as regras que regem sua formação e o jogo de saberes e poderes que podem fazer algo entrar no verdadeiro da época. Por esse princípio analítico, os enunciados se agrupam nas formações discursivas, as quais determinam a regularidade e a dispersão própria de processos temporais.

As práticas discursivas figuram como um conceito muito importante no empreendimento foucaultiano. Elas ocorrem como operações estratégicas dos dispositivos, e são importantes para a constituição de subjetividades. Aganbem (2009, p. 38) pontua que “os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito”. Essa reflexão, demonstra também, que o sujeito é subjetivado pelos dispositivos e pelos discursos aceitos como verdade em cada momento histórico.

Em relação à subjetivação do docente na atualidade, para além dos enunciados em que se afirma *o professor é x* ou se constrói a expressão *professor x*, há acontecimentos menos visíveis e que também estão em rede, como as políticas de carreiras e remuneração atuais, entre outras coisas. A análise discursiva permite extrapolar o nível do linguístico em prol de uma descrição de acontecimentos, tendo como guia o questionamento de como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar. Isso implica um outro olhar para o *corpus*, pois busca-se “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.” (FOUCAULT, 2008, p.31).

A análise do enunciado possibilita identificar as várias posições-sujeito que vão determinar a produção de sentidos do enunciado. Quem fala em um dado discurso, fala de algum lugar. Uma posição-sujeito está perpassada por relações de poder. Não é qualquer um que está autorizado a falar nos discursos sociais e nem a produzir enunciados. O enunciado está, portanto, ligado ao acontecimento e às relações de poder.

O sujeito, pensado como uma categoria do discurso, constitui-se em uma rede de relações que se enraíza no conjunto social, agindo sobre a vida quotidiana imediata. De acordo com Foucault (2014, p. 123), é preciso olhar para essa força que “classifica os

indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos”. Nesse sentido, um bom caminho para analisar as relações discursivas e a constituição das subjetividades são as resistências. Segundo o autor (2014, p. 121), ao focar nas práticas de resistências, pois, em vez de descrever uma racionalidade interna, “trata-se de analisar as relações de poder por meio do enfrentamento das estratégias”.

Essas relações concentram-se em ações de alguém sobre outrem de forma a “conduzir condutas’ e em arranjar a probabilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários, ou do engajamento de um em relação ao outro, do que da ordem do ‘governo’.” (FOUCAULT, 2014, p. 133). Em sua exposição, o autor exemplifica o funcionamento das relações de poder na instituição escolar:

o seu arranjo espacial, o regulamento meticuloso que rege a sua vida interior, as diferentes atividades que aí são organizadas, os diversos personagens que aí vivem ou aí se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido - tudo isto constitui um 'bloco' de capacidade-comunicação-poder. A atividade que garante a aprendizagem e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais de valor de cada um e de níveis de saber) e através de uma série de procedimentos de poder (confinamento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal). (FOUCAULT, 2014, p. 130-131)

Com base nessa concepção, é possível assumir o ambiente escolar como um dispositivo, com diversas práticas de saber de poder. Algumas dessas, são adiantadas pelo autor e outras são passíveis de descrição na atualidade, tanto pelo fato de que a descrição apresentada não é exaustiva, quanto pelo fato de que o próprio dispositivo tem uma historicidade. Ele se modifica e se reconfigura, o que permite que novas práticas passem a ocorrer em seu interior. Considerando que os sujeitos são produzidos nessas instâncias discursivas e nelas agem, então as pessoas empíricas que entram no ambiente escolar assumem, entre outros papéis, o de ensinar e o de aprender. Nesse sentido, são pressupostas, entre outras funções, a de professor e a de aluno. Contudo, o sujeito professor e o sujeito aluno serão produzidos discursivamente e poderão ser diversos. Analogamente, é inegável a necessidade de que eles interajam. Contudo, a interação

poderá se configurar de diferentes maneiras, porque o que é discursivizado como uma interação desejável/adequada muda ao longo do tempo.

Delineia-se, então, o objetivo de analisar como a relação professor-aluno é discursivizada em textos de mídia durante a pandemia. Espera-se encontrar memórias da verdade sobre a interação ideal a partir das lembranças do saber produzido no dispositivo acadêmico, no do senso comum etc.

3 O desamparo como prática de subjetivação do docente

A série enunciativa constituída para análise apresenta cinco sequências enunciativas (SE) que circularam em sites jornalísticos e em redes sociais, no ano de 2021. O recorte por esse momento histórico está relacionado à ocorrência do ensino remoto e às inúmeras discussões sobre como ele impactou nas relações educacionais e na aprendizagem dos alunos. Ao tomar a discursivização dessa interação como uma prática presente nos dispositivos destacados, objetiva-se descrever qual verdade se estabelece como o ideal de atuação do sujeito professor e, conseqüentemente, como essa verdade reforça/desloca a subjetividade de docente na atualidade.

Essa série enunciativa é possível a partir da articulação de diversos dispositivos, dentre os quais, os mais emblemáticos são: o midiático, por ser a superfície de emergência de onde foram escavados; o educacional, posto que o professor e sua relação com os alunos são sujeitos constituídos nesse espaço institucional; e o acadêmico, na sua relação com o educacional. O dispositivo educacional vale-se dos saberes do campo acadêmico para se constituir e se legitimar, bem como recebe profissionais que são formados por ele.

SE1- A importância da relação aluno-professor durante a pandemia

A importância da relação aluno-professor durante a pandemia



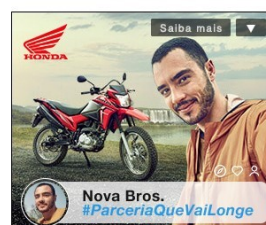
Vinicius De Andrade

24/06/2021 07h42

A importância da relação aluno-professor durante a pandemia - Enquanto alguns estudantes relatam como o apoio de professores os ajudou a não se sentirem ainda mais afastados da escola durante o ensino remoto, outros reclamam da distância e da sobrecarga de tarefas. A relação entre aluno e professor é de suma importância no processo de aprendizagem de qualquer estudante, especialmente para quem frequenta a escola pública no Brasil. Com a pandemia, o distanciamento social e a mudança do ensino presencial para o remoto, essa relação passou por um processo de ressignificação.

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/06/24/a-importancia-da-relacao-aluno-professor-durante-a-pandemia.htm>

PUBLICIDADE



A matéria *A importância da relação aluno-professor durante a pandemia* foi publicada em 26/6/2021, momento em que algumas escolas particulares já voltavam às aulas presenciais e as escolas públicas trabalhavam em formato híbrido. Trata-se de um texto assinado, que faz parte da seção *Vozes da Educação*, uma coluna escrita por jovens de um programa social de voluntários, que auxiliam alunos da rede pública do Brasil a entrar na universidade. A autoria talvez ajude a compreender o recorte pela a ótica dos alunos. Há, ao longo da matéria, o depoimento de quatro alunos, mas de nenhum professor ou outro profissional da educação.

Entre as manifestações, aparece um relato em que a aluna se sente acolhida, mas expressa isso como exceção: “... uma professora que estava preocupada comigo. Ela foi à escola e comentou sobre mim, pois notou que eu estava afastada. Foi muito bacana, pois eu nunca vi um professor se preocupar tanto assim com o aluno em todos os meus anos de escola. Foi um cuidado maravilhoso.” Na sequência, há outros depoimentos de alunos que se sentiram afastados e ou julgados: “Ano passado eu estudei meu terceiro ano em colégio militar, me senti muito afastada dos professores pelo fato de eles não darem espaço para conhecerem alunos novos e focaram somente aqueles que consideravam ‘inteligentes’”. De uma maneira geral, o texto demonstra que há uma expectativa dos alunos em serem acolhidos por seus docentes.

Ao focar na relação entre ambos os sujeitos, o trabalho discursivo passa a envolver o aspecto da sensibilidade como elemento constitutivo do vínculo social e como direcionador de práticas. Partindo de um olhar filosófico, Safatle (2019, p. 15) reflete que

“o poder é uma questão de compreender seus modos de construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos com regimes extensivos de implicação, assim como compreender o modelo de individualização que tais corpos produzem, a forma como ele nos implica. Se quisermos mudá-lo, será necessário começar por se perguntar como podemos ser afetados de outra forma, será necessário estar disposto a ser individualizado de outra maneira, a forçar a produção de outros circuitos” (2019, p. 15).

No caso do par professor-aluno, é preciso considerar a relação de poder que se estabelece de forma mais visível no contexto institucional em que o primeiro organiza, conduz e avalia. Isso leva o professor a assumir estratégias de poder, às quais os alunos podem resistir. Mas esse confronto se dá na relação e permeado por aspectos afetivos inerentes à troca cotidiana.

Amparado em reflexões de Freud, Safatle (2019) diferencia dois tipos de afetos: medo e desamparo. O medo estaria ligado a uma expectativa produzida diante de um objeto de perigo, como estratégia de defesa. Trata-se de algo que, em tese, pode ser representado. O desamparo seria uma reação a um objeto ou acontecimento que o sujeito não consegue representar, porque ele quebra o sistema de representações e projeções. Assim, o sujeito passa por um processo de desabamento, por não saber como agir ou responder. O filósofo considera a esperança um afeto que pode ser oposto ao medo; mas não encontra um afeto elaborado como oposto ao desamparo, porque haveria necessidade de ação e reconfiguração subjetivas. Nesse sentido, um caminho possível seria “compreender o desamparo como condição para o desenvolvimento de certa forma de coragem afirmativa diante da violência provocada pela natureza despossessiva das relações intersubjetivas e pela irreducibilidade da contingência como forma fundamental do acontecimento” (SAFATLE, 2019, p. 50).

É interessante observar que, em correntes pedagógicas anteriormente assumidas como verdades e materializadas em práticas docentes nas salas de aula, a relação entre professor e aluno baseava-se, em certa medida, na relação de medo (de ser repreendido, castigado, reprovado etc.). Ocupando uma posição de poder e de reconhecimento social, o sujeito docente constituía-se a partir do afeto de amparo. Nesse espaço, cabia ao aluno

o sentimento do medo diante de um profissional respeitado e severo. Entretanto, a forma de relação que se materializa no discurso depreensível na série enunciativa em análise, aponta para um trabalho pautado pelo afeto do desamparo.

Um recuo histórico no cenário educacional demonstra que houve tempo em que era trabalho do professor uma série de cuidados para além do ensino. Le Vausser e Tardif, (2004, p. 1277), explicam que, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, houve uma reorganização do ambiente escolar, na qual novos profissionais foram designados para desempenhar tarefas que antes eram incumbência dos docentes, como era o caso “das tarefas pedagógicas, [...] da limpeza dos alunos à da sala, passando por todas as formas de apoio às crianças e aos adolescentes”. Essa lembrança histórica de um cuidador vai se atualizando no discurso do senso comum pela expectativa de que professores sejam acolhedores e compreensivos com seus alunos. Uma extrapolação disso é a nomeação de profissionais da educação infantil como tio/tia. Designação que a classe dos pedagogos tenta desconstruir há muito tempo. Ocorre, nos termos de Foucault (2008), um acúmulo no enunciado: ao prescrever o acolhimento como prática para a posição-sujeito de professor, coloca-se em rede e rememora-se a subjetividade de professor como responsável pelos alunos e também a de tio/tia das crianças.

Para além do que é pressuposto pelo discurso do senso comum, a subjetivação do professor recebe forte investimento dos estudos do campo da Educação e da Psicologia da Educação. Apesar de não construir uma verdade totalmente unívoca, algumas práticas parecem mais consensuais entre os autores da área. A necessidade de boa relação entre professor e aluno ocupa um *status* de verdade. Paulo Freire (1997), por exemplo, ponderou sobre a importância dos laços de afetividade que ligam docente e discente. Teorias como a de Henri Wallon (1995) inspiraram uma série de pesquisas a respeito a afetividade na aprendizagem, demonstrando que os alunos aprendem mais e/ou melhor quando tem afeição por seus professores e recebem afeto deles. No momento em que esse saber assume o *status* de verdade, a sala de aula, em geral, passa a apresentar alunos amparados pelo afeto. Essa forma de interação opera como uma prática subjetivante também nos dispositivos jornalístico e midiático, que fazem circular as coerções sobre a ação docente, a partir da descrição das expectativas de outrem a respeito dele.

No cruzamento do prescrito tanto pelo discurso do senso comum quanto pelo acadêmico, o professor é subjetivado como alguém que deve estabelecer uma relação

afetuosa com seus alunos. Na SE1, ele não é retratado como alguém que age segundo as práticas esperadas para sua posição sujeito. Conseqüentemente, é subjetivado como ruim/inadequado, tendo em vista que frustra o relacionamento esperado pelos alunos ouvidos para a matéria.

É necessário considerar também que o universo de interação profissional do docente não se restringe ao vínculo com os seus alunos: outros sujeitos estão envolvidos no processo escolar e têm fator relevante no estabelecimento dos vínculos. As próximas sequências enunciativas trazem à cena o jogo discursivo das práticas esperadas e efetivadas para esses outros sujeitos, bem como o impacto disso na construção de discursos.

SE2- Ação cuida da saúde mental de professores apartados da escola pela pandemia



Imagem: Equipe Gaia+

Por Tainara Rebelo
Colaboração para o Ecoa, em São Paulo
26/08/2021 06h00

A pandemia de covid-19 e todo o isolamento social imposto para evitar o contágio pelo novo *coronavírus* jogou luz sobre a importância de se cuidar melhor da saúde mental da população. Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) de 2020 apontam que 85% dos brasileiros sofrem com *ansiedade* no país. A preocupação é real e está em quase todas as esferas da população, mas uma delas ganhou um acalento extra pelas mãos do projeto social "Fique Bem".

"O Fique Bem é um projeto da ONG educacional Gaia+ para o professor, pelo professor e com o professor. Queremos abrir um espaço de escuta e cuidado para esses profissionais que trazem esperança para futuro melhor", explica o

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/08/26/projeto-cuida-da-saude-mental-de-professores-apartados-da-escola-pela-covid.html>

1/6


A matéria "Ação cuida da saúde mental de professores apartados da escola pela pandemia" faz a divulgação de um projeto desenvolvido para professores do ensino

Infantil, fundamental e médio. Segundo o texto (REBELO, 2021), “A ideia nasceu quando começou a pandemia. Eduardo lembra que os jornais fizeram muitas reportagens sobre as novas rotinas das crianças e pais, mas não falavam dos professores”. Diante de reclamações dos profissionais de que estavam ficando doidos e sobrecarregados, foi organizado o projeto para dar apoio mental e técnico para a categoria. A organização direcionou para os profissionais vídeos falando de questões de saúde em geral e de saúde mental.


Assim como na SE1, a questão da interação e do cuidado está bastante presente. Contudo, as queixas de abandono/invisibilização dos professores acabam direcionadas à sociedade ou às instâncias de direção. Não há menção à carência de contato com alunos ou atenção deles.

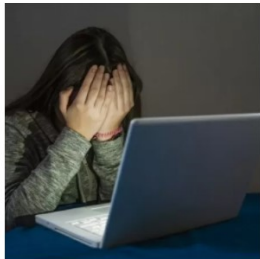
SE3- Relatos da pandemia

MATHEUS PICHONELLI



MATHEUS PICHONELLI





OPINIÃO

Relatos da pandemia:
'saber quem eram os
pais dos meus alunos
me deprimiu'

Professora relata depressão após convívio forçado, durante a pandemia, com pais de alunos
Imagem: Reprodução

Fonte: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2021/05/01/pandemia-me-fez-saber-quem-eram-os-pais-de-meus-alunos-isso-me-deprimiu.htm>

A sequência enunciativa 3 apresenta uma coluna assinada por Matheus Pichonelli, *Relatos da pandemia: 'saber quem eram os pais dos meus alunos me deprimiu'* e foi publicada na seção TAB em 01/05/2021. Esse texto traz uma perspectiva de docentes e assume o tom de desabafo em relação a algumas questões do trabalho: a frieza de uma direção que pediu para que os professores “deixassem os planejamentos das aulas em dia para facilitar o trabalho dos substitutos em casos de internação”. Na sequência, outras reclamações são apresentadas, tais como: a exaustão pela sobrecarga de trabalho no modo de ensino remoto, uma “patrulha sobre o conteúdo ensinado”, bem como monitoramento de redes pessoais por parte de pais de alunos. O lamento apresentado, apesar de tocar em

questões técnicas (como a sobrecarga de trabalho) e metodológicas (como as alterações didáticas por conta do novo modelo de aulas), dá mais ênfase a queixas ligadas aos aspectos relacionais. A diferença, nesse caso, é que o foco da reclamação sai do eixo professor-aluno e se volta aos pais.

As queixas feitas pelos profissionais remontam a condições específicas da docência, mas que estão atreladas a movimentos mais abrangentes, na atualidade brasileira. O cerceamento de conteúdos e de manifestações em sala de aula indicam o exercício de poder do movimento conservadorista - bastante atuante nas disputas políticas - atravessando o discurso da sala de aula. A sobrecarga de trabalho retoma uma memória de denúncias sucateamento e privatização do ensino público, por parte dos governos. Esses fenômenos encarnam-se nas práticas discursivas e não discursivas das instituições de ensino e, conseqüentemente, dos professores.

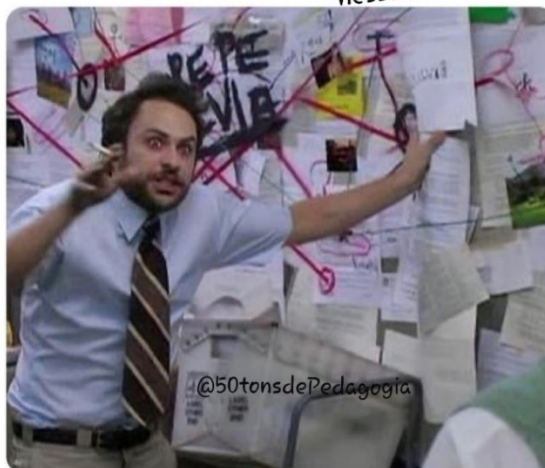
Em estudo a respeito das subjetivações docentes em circulação atualmente, Vicente e Bazza (2021, p. 2407) observam que a Lei de diretrizes e bases da educação prevê o ensino como responsabilidade dividida entre Estado, professor e família. Contudo, há momentos em que o primeiro atua suprimindo omissões dos supostos parceiros:

Ao assumir sozinho o papel do ensino, por um lado, o profissional acaba vivendo uma rotina desgastante, por tentar sanar questões que não estão em sua alçada. Por outro lado, assume também sozinho a responsabilidade pelo resultado. É recorrente observar o quanto o discurso coloca em questão a eficácia da escola e do professor quando são expostos resultados ruins dos alunos em testes.

Além de sobrecarregado, o professor leva a culpa pelos insucessos dos alunos, mas não leva os créditos sozinho pelo sucesso deles. Nesse contexto de desamparo, constitui-se um sujeito que precisa o tempo todo denunciar a omissão do Estado, a ausência de algumas famílias e o desinteresse de alguns alunos como forma de defesa de sua capacidade metodológica, bem como de seu merecimento por um salário justo. Resistir a essa conjuntura por meio da denúncia custa o desgaste de sua imagem. Isso acarreta a circulação da subjetividade de professor como descontente, reclamão.

A sequência enunciativa 4, apresenta uma imagem humorística, postada pela *Página 50 tons de pedagogia* no grupo de mesmo nome, da rede social *Facebook*, no dia 10/6/2021:

SE4- Como é a vida de um professor
Eu tentando explicar
como é a vida de
um Professor
nessa Pandemia.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/152732688737859/posts/780152395995882/>

A imagem retrata alguém visivelmente alterado, diante de um monte de papeis emaranhados e rabiscados. Apesar de parecer que ele fala para alguém, no enquadramento observa-se apenas ele. Colocado em uma rede discursiva, é possível compreender esse texto como uma resposta ao discurso de que os professores não estavam trabalhando na pandemia, posto que não estavam dando aulas presenciais. Diante disso, o discurso da categoria buscava demonstrar que o trabalho é redobrado para eles, quando em ensino remoto ou híbrido.

Para pensar a relação professor-aluno, essa imagem por um lado, pode evocar a memória do professor exaltado positivamente ao tratar de conteúdos que considera interessantes, mas também abre a possibilidade de leitura como a de um profissional estressado, que se relaciona com seus alunos e colegas de forma agressiva. Tanto na SE4 quanto na SE5 (a seguir), o mecanismo do humor diferencia o modo de constituição e de leitura desses enunciados. É possível assumir, juntamente com os estudos de linha sociológica, que a zombaria é uma forma de castigar os costumes e fazer uma correção social (cf. Bergson, 1983). Nesse caso, rir do professor exaltado é uma forma de reforçar a subjetividade que lhe é proposta pelo dispositivo educacional: calmo e acolhedor.

SE5- Professores antigamente

**Professores antigamente:
Se falaram mais um PIU vão
para a direção!**



**Professores agora:
Por favor falem comigo**



Fonte: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/gvsit5/professores_em_aula_onlinememe/

A SE5, publicada na página *Reddit*, em abril de 2020, enfoca um importante aspecto relacional, ao contrastar ensino presencial e remoto. Enquanto, no modo presencial, o professor precisa pedir para que os alunos parem de falar, no remoto precisa pedir para que falem. Se isso for tomado como indício da participação dos alunos, pode-se fazer a leitura de que a participação é boa ao vivo e nula no remoto. Por um lado, a leitura de SE5 pode caminhar no sentido de crítica ao comportamento dos alunos. Ao considerar os dois comportamentos inadequados, reforça-se a expectativa de alunos que falem para participar das aulas, a respeito do conteúdo em foco. E então, considera-se um processo de prática de subjetivação do aluno. Por outro lado, é possível rir do professor que reclama nos dois contextos. Esse percurso de leitura contribui para sua subjetivação como reclamão recorrente. Nesse sentido, é possível pensar em ambos os sujeitos desamparados: alunos desinteressados e professores com dificuldades para interagir.

Safatle (2019, p. 31) se interroga “Qual afeto nos abre para sermos sujeitos?” O autor acredita que “para criar sujeitos, é necessário inicialmente, desamparar-se. Pois é necessário mover-se para fora do que nos promete amparo, sair fora da ordem que nos individualiza, que nos predica no interior da situação atual”. Assumindo essa concepção, a série apresentada indica um solo favorável para a criação de um sujeito docente. Porém, a descrição discursiva materializada na série produz subjetivações negativas desse profissional. Em SE1, tem-se o relato de uma aluna que se sente desamparada e encontra amparo na figura do professor, porém a construção argumentativa ressalta situações em que os alunos têm frustrada sua expectativa de acolhimento. Nas SE2 e SE4, o sujeito é constituído com base em um desamparo direcionado ao sistema educacional e

governamental, que não lhe oferece as condições adequadas para o trabalho. Nesse sentido, a relação que estabelece com o aluno se daria de forma negligente, como consequência da sua falta de condições. Em SE3, constitui-se um sujeito que oscila entre o sentimento de desamparo e de medo, diante de cobranças e vigilância de familiares de alunos. Trata-se de um sujeito deprimido/perseguido. Em SE5, encontra-se a figura do professor objeto de riso, posto o abandono dos alunos, quando no modo remoto de ensino.

4 Considerações finais

No cenário brasileiro da atualidade, a educação e seus sujeitos são referencial para uma vasta produção discursiva. No interior de um arquivo que se organiza a esse respeito, é comum que verdades sejam construídas e refutadas. Diante desse processo, as pessoas estão envolvidas, porque são professores, alunos ou familiares de um ou de outro grupo. Assim, as lutas em torno da Educação tornam visível a disputa pelo saber, pelo poder que dele emana (e que lhe sustenta) e se tornam uma questão cara a uma grande parcela da população.

As práticas discursivizadas como ideais de ação docente, não se constroem no vazio. Elas são produzidas no imbricamento de diversos dispositivos. A série enunciativa levantada, demonstrou a atuação de alguns deles: escolar-governamental, acadêmico, midiático, senso comum. O conjunto das sequências enunciativas descritas definiu um modo de agir possível para que alguém assuma a posição de sujeito professor. Também foi possível observar que, para além de um método, uma teoria ou lei, essas práticas são orientadas por um afeto. Nesse sentido, adentra-se o campo da sensibilidade por duas frentes: de um lado pelo sentimento que embasa a relação de interação entre o par professor-aluno; de outro lado, pelo desejo de estar no verdadeiro (cf. Foucault, 1999), que leva, muitas vezes, os indivíduos se sujeitarem a diversas ordens discursivas.

A presente discussão buscou historicizar uma das práticas que objetivam o docente, demonstrando como dispositivos diversos atuam na construção e circulação de uma subjetividade de afetivo/acolhedor como verdadeira. Esse percurso foca menos em descrever uma subjetividade nova ou inusitada e mais em possibilitar a reflexão sobre o que sustenta a subjetividade de *bom professor*. Em um momento histórico em que muitos professores sentem o peso de uma visão negativa por parte da sociedade, pensar sobre o

que (n)os constitui assim é uma forma de luta, porque permite resistir e porque possibilita o exercício refletido da subjetivação.

Referências

ANDRADE, Vinícius. A importância da relação aluno-professor durante a pandemia. **UOL Notícias**. 24/6/2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/06/24/a-importancia-da-relacao-aluno-professor-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 10 mar. 2022.

AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo. *In*: AGAMBEM, G. **O que é o contemporâneo: e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009, p. 25-54.

BERGSON, Henry. **O Riso**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

COMO é a vida de um professor na pandemia. **50 tons de Pedagogia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/152732688737859/posts/780152395995882/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 118-140.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. Perdizes: Olho d'água, 1997.

LE VAUSSER, Louis; TARDIF, Maurice. Divisão do trabalho e trabalho técnico nas escolas de sociedades ocidentais. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1275-1297, Set./Dez. 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete ensino laico. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/ensino-laico/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *In*: Dossiê: interpretando o trabalho docente. **Teoria & Educação**. n. 4, 1991, p. 109-139.

PICHONELLI, Matheus. Relatos da pandemia: saber quem eram os pais dos meus alunos me deprimiu. **TAB UOL**. 01/05/2021. Disponível em:

<https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2021/05/01/pandemia-me-fez-saber-quem-eram-os-pais-de-meus-alunos-isso-me-deprimiu.htm> . Acesso em: 16 mar. 2022.

PROFESSORES antigamente. **Reddit**. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/gvsit5/professores_em_aula_onlinememe/. Acesso em: 12 mar. 2022.

REBELO, Tainara. Ação cuida da saúde mental de professores apartados da escola pela pandemia. *Ecoa Uol*. 26/8/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/08/26/projeto-cuida-da-saude-mental-de-professores-apartados-da-escola-pela-covid.htm>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VICENTE, Caio Willians de Lirio; BAZZA, Adéli Bortolon. Os discursos sobre a desigualdade salarial na construção da subjetividade docente. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL LETRAS, 4, 2021, Bacabal, **Anais**. p. 2398-2410. Disponível em: <http://conilufma.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1995.

Recebido em: 29 de março de 2022
Aceito em: 23 de maio de 2022
Publicado em agosto de 2022